

ANJOS e DEMÔNIOS

DAN BROWN



SEXTANTE

F A T O

O maior estabelecimento de pesquisa científica do mundo – Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN) –, na Suíça, recentemente conseguiu produzir as primeiras partículas de antimatéria. A antimatéria é idêntica à matéria física, exceto por ser composta de partículas cujas descargas elétricas são *inversas* àquelas encontradas na matéria normal.

A antimatéria é a mais poderosa fonte de energia conhecida pelo homem. Libera energia com 100 por cento de eficiência (a fissão nuclear é 1,5 por cento eficiente). A antimatéria não é poluente nem radioativa, e bastaria uma gota para abastecer a cidade de Nova York de energia por um dia inteiro.

Há, porém, uma ressalva...

A antimatéria é extremamente instável. Incendeia-se ao entrar em contato com qualquer coisa, inclusive o ar. Um único grama de antimatéria contém energia igual à de uma bomba nuclear de 20 quilotons – o tamanho da bomba que caiu sobre Hiroshima.

Até bem recentemente, a antimatéria tinha sido criada apenas em quantidades bem reduzidas (alguns átomos por vez). Agora, porém, o CERN começou a trabalhar com o novo desacelerador de antiprótons – um avançado aparelho que promete criar antimatéria em quantidades maiores.

Resta uma pergunta: será que essa substância tão volátil vai salvar o mundo ou será usada para gerar a mais mortífera arma de todos os tempos?

NOTA DO AUTOR

Todas as referências a obras de arte, a arquitetura, a túneis e a tumbas em Roma são inteiramente factuais (assim como suas localizações exatas). Essas obras e monumentos ainda podem ser vistos hoje. A fraternidade dos Illuminati também é factual.

Prólogo

O físico Leonardo Vetra sentiu cheiro de carne queimada e sabia que era a sua. Levantou os olhos, aterrorizado, para a figura sombria que o dominava.

– O que você quer?

– *La chiave* – respondeu a voz rascante. – A senha.

– Mas eu não...

O intruso curvou-se de novo para a frente, pressionando com mais força o objeto em brasa no peito de Vetra. Ouviu-se um chiado de carne grelhando.

Vetra gritou alto, agoniado.

– Não existe senha nenhuma! – E sentiu que mergulhava na inconsciência.

O rosto do homem encheu-se de uma fúria contida.

– *Ne avevo paura*. Era o que eu temia.

Vetra esforçou-se para manter os sentidos, mas a escuridão envolvia-o pouco a pouco. Seu único consolo era saber que o agressor jamais obteria o que viera buscar. Um momento mais tarde, porém, o homem fez aparecer uma lâmina e ergueu-a diante do rosto de Vetra. A lâmina adejou no ar. Precisa. Cirúrgica.

– Pelo amor de Deus! – gritou Vetra.

Mas era tarde demais.

CAPÍTULO 1

Do alto da pirâmide de Gizé, a jovem riu e voltou-se para ele, lá embaixo, chamando-o.

– Ande, Robert! Devia ter me casado com um homem mais moço! – O sorriso dela era mágico.

Ele tentou acompanhá-la, mas suas pernas pesavam como se fossem feitas de pedra.

– Espere – pediu. – Por favor...

Enquanto subia, sua vista começou a turvar-se. Seus ouvidos latejavam. *Preciso alcançá-la!* Mas, quando olhou de novo para cima, a mulher desaparecera. Em seu lugar havia um velho de dentes estragados. O homem encarou-o, os lábios torcendo-se em uma careta melancólica. E ele deixou escapar um grito de angústia que ressoou pelo deserto.

Robert Langdon acordou sobressaltado do pesadelo. O telefone ao lado de sua cama estava tocando. Tonto, levou-o ao ouvido.

– Alô?

– Gostaria de falar com Robert Langdon – disse uma voz masculina.

Langdon sentou-se na cama e tentou clarear sua mente.

– Aqui... é Robert Langdon – e apertou os olhos para o mostrador do relógio digital. Eram 5h18 da madrugada.

– Preciso encontrá-lo imediatamente.

– Quem está falando?

– Meu nome é Maximilian Kohler. Sou um físico de Partículas Discretas.

– Um *o quê?* – Langdon mal conseguia se concentrar. – Tem certeza de que procurou o Langdon certo?

– O senhor é professor de Simbologia Religiosa na Universidade de Harvard. Escreveu três livros sobre simbologia e...

– Sabe que horas são?

– Peço desculpas. Há uma coisa que precisa ver. Não posso explicar pelo telefone.

Um resmungo conformado escapou dos lábios de Langdon. Aquilo já acontecera antes. Um dos perigos de se escrever livros sobre simbologia religiosa era o chamado de fanáticos querendo que ele confirmasse o último sinal que haviam

recebido de Deus. No mês anterior, uma *stripper* de Oklahoma prometera a Langdon a melhor sessão de sexo de sua vida se ele pegasse um avião até a cidade dela para verificar a autenticidade de uma figura cruciforme que aparecera magicamente nos lençóis de sua cama. *O sudário de Tulsa*, como Langdon a chamara.

– Como conseguiu o número do meu telefone? – Langdon tentou ser amável, apesar da hora.

– Na Internet. No site do seu livro.

Langdon franziu a testa. Tinha certeza de que o número do telefone de sua casa não constava do site de seu livro. O homem obviamente estava mentindo.

– Preciso vê-lo – a voz do outro lado insistiu. – Vou pagar bem.

Agora Langdon estava ficando furioso.

– Sinto muito, mas eu...

– Se sair agora, pode estar aqui por volta de...

– Não vou a lugar nenhum! São cinco horas da manhã!

Langdon desligou e caiu de volta na cama. Fechou os olhos e tentou adormecer novamente. Não adiantou. O sonho estava entranhado em sua mente. Relutante, vestiu um roupão e desceu.



Robert Langdon perambulou descalço por sua casa deserta, uma construção vitoriana em Massachusetts, segurando seu remédio habitual contra a insônia: uma caneca de chocolate instantâneo fumegante. O luar de abril filtrava-se pelas janelas da sacada e formava desenhos nos tapetes orientais. Os colegas de Langdon sempre brincavam que o lugar parecia mais um museu de antropologia do que uma casa. As prateleiras estavam cheias de artefatos religiosos de todo o mundo – um *akuaba* de Gana, uma cruz dourada da Espanha, um ídolo cicladense do Egeu e um ainda mais raro *boccus* de Bornéu, o símbolo da perpétua juventude de um jovem guerreiro.

Sentado em uma arca de latão *maharishi* e saboreando o chocolate quente, deu com o seu reflexo nas vidraças das janelas. A imagem estava distorcida e pálida... como a de um fantasma. Um *fantasma envelhecido*, pensou, sendo cruelmente lembrado de que o seu espírito da mocidade vivia dentro de um invólucro mortal.

Apesar de não ser propriamente bonito no sentido clássico, Langdon, com seus quarenta e cinco anos, possuía o que as colegas do sexo feminino classificavam de um encanto “erudito” – mechas grisalhas misturadas ao espesso cabe-

lo castanho, perspicazes olhos azuis, uma voz grave atraente e o sorriso forte e despreocupado de um atleta universitário. Membro da equipe de mergulho da faculdade, Langdon ainda tinha um corpo de nadador, um metro e oitenta de boa forma, que ele mantinha cuidadosamente com 2.500 metros diários de exercício na piscina da universidade.

Seus amigos sempre o viram como uma espécie de enigma – um homem que pertencia a séculos diferentes. Nos fins de semana, viam-no andando pelo pátio da universidade vestido de jeans e conversando sobre computação gráfica e história religiosa com os alunos; outras vezes, aparecia com seu paletó de tweed e colete *paisley* nas páginas de importantes revistas de arte em aberturas de exposições de museus para as quais era convidado a dar palestras.

Mesmo sendo um professor rigoroso e muito severo quanto à disciplina, Langdon era o primeiro a acolher o que chamava de “a arte perdida de uma boa brincadeira”. Apreciava os momentos de divertimento com um fanatismo contagiante, o que lhe valera uma aceitação fraternal entre seus alunos. Seu apelido no campus, “Golfinho”, era uma referência tanto à sua natureza afável quanto à sua lendária capacidade de mergulhar em uma piscina e confundir a estratégia de toda a equipe adversária em um jogo de pólo aquático.

Enquanto estava ali, sozinho, olhando distraído para a escuridão, o silêncio da casa foi quebrado novamente, dessa vez pelo toque da máquina de fax. Exausto demais para se incomodar, Langdon forçou uma risadinha cansada.

O povo de Deus, pensou. Dois mil anos de espera pelo Messias e eles ainda são de uma persistência infernal.

Entediado, deixou a caneca vazia na cozinha e foi andando devagar para seu escritório revestido de painéis de carvalho. O fax recém-chegado estava na bandeja da máquina. Suspirando, pegou a folha de papel e olhou para ela.

No mesmo instante foi tomado por uma onda de náusea.

A imagem na página era a de um cadáver humano. O corpo fora despido e a cabeça fora torcida, virada completamente para trás. No peito da vítima havia uma terrível queimadura. O homem fora marcado a fogo... com uma única palavra. Uma palavra que Langdon conhecia bem, muito bem. Ele olhou fixamente, incrédulo, para as letras desenhadas.

Wuminati

– Illuminati – ele gaguejou, o coração batendo forte. *Não pode ser...*

Lentamente, temendo o que estava para presenciar, Langdon girou o papel 180 graus. Olhou para a palavra de cabeça para baixo.

E quase perdeu o fôlego. Era como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Mal acreditando em seus olhos, virou a folha de novo, lendo a palavra nas duas posições.

– Illuminati – murmurou.

Aturdido, deixou-se cair em uma cadeira. Ficou ali por um momento, totalmente desorientado. Aos poucos, sua atenção voltou-se para a luz vermelha que piscava na máquina. Quem mandara o fax ainda estava na linha... esperando para falar. Langdon contemplou durante longo tempo o ponto luminoso piscando.

Depois, trêmulo, levantou o fone.

CAPÍTULO 2

– **Vai me dar atenção agora?** – disse o homem quando Langdon finalmente atendeu o telefone.

– Sim, senhor, com certeza, agora vou. Pode explicar melhor?

– Foi o que tentei lhe contar antes – a voz era rígida, mecânica. – Sou físico. Dirijo uma organização de pesquisas. Aconteceu um crime e o senhor viu o fax.

– Como me encontrou? – Langdon mal conseguia se concentrar na conversa. Sua mente estava na imagem no fax.

– Já lhe disse. Na Internet, no site de seu livro *A arte dos Illuminati*.

Langdon procurou reunir seus pensamentos. Seu livro era praticamente desconhecido nos círculos literários convencionais mas tivera uma repercussão bastante significativa on-line. Ainda assim, a explicação não fazia sentido.

– A página não traz informações para contato – Langdon desafiou-o.

– Tenho certeza disto.

– No laboratório tenho gente que é especialista em extrair informações sobre os usuários da Internet.

Langdon ainda estava meio cético.

– Parece que seu laboratório *sabe tudo* sobre a Internet.

– Claro – o outro disparou –, fomos nós que a *inventamos*.

Algo na voz do homem dizia que ele não estava brincando.